

Roberto Pereira Rodrigues

CONTOS

Prefácio de Onésimo Teotónio Almeida

Posfácio de Leonor Sampaio da Silva

VOLUME I

GUARDADORES DE MEMÓRIAS



PLÁTANO EDITORA

Edição revista
e aumentada

ÍNDICE

- | Índice
- | Nota de autor à 2.ª edição
- | Agradecimentos
- | Dedicatória
- | Prefácio
- | Os guardadores de memórias
- | A Fonte Velha
- | A biblioteca
- | A bicada
- | A escola
- | A hora do ensaio da banda
- | A lata de sardinhas
- | A matança do porco
- | O pecado da luxúria
- | O dinheiro da quota
- | A rata
- | A sorte de Joaquim
- | Ainda chove?
- | As bolinhas do senhor padre
- | As cuecas emprestadas
- | As feiticeiras
- | As galochas
- | Eu assino com o dedo
- | Um caso antes de dormir
- | Oh! Coutchadinhe!
- | De novo, lepras
- | A avó velhinha
- | Maria, mulher da Maia
- | A caixa de roupa da América
- | A banda vai, mas volta
- | «Dondoé o irmão?»
- | O vinho do tio João Caneco
- | Emanchar o milho
- | A Fábrica de Blocos
- | Falar a uma rapariga
- | «Facista»

- | A carta da América
- | Feiticeiras, ainda
- | O filme de terror
- | Namoro à janela
- | Tremores de terra
- | O regresso de Guilherme
- | O Canto da Fonte
- | O automóvel
- | O relógio
- | A despedida
- | As terrinhas
- | Maria e Manuel
- | A Trincheira
- | O fura-louça
- | Namoro dentro de casa
- | Calças à boca-de-sino
- | O barbeiro
- | O clube
- | O ervanário
- | O mestre Jaime
- | O mestre Luís sapateiro
- | O pedido de casamento
- | O pregão
- | Ir à fruta
- | O tremoço na eira
- | Óleo de fígado de bacalhau
- | Os botins
- | Os casos
- | Os mandados
- | Toca-me no nariz
- | A roupa dâmérca
- | O chá da avó de João
- | Se há-de ir às costas...
- | Sinais
- | O monte de esterco
- | A máquina de escrever
- | Tu e a morte são duas lepras

- | Uma viagem da banda à Achadinha
- | Um escudo de queijo
- | Um serão de ténis de mesa
- | Vou pedir a Nosso Senhor que te arranje uma noiva
- | A massa do tio José
- | A Baixa
- | Os Cerradinhos do Mar
- | A careta e o chouriço da tripa do cu
- | Tã numámérca
- | O Calhau da Areia
- | A remos para a América
- | O comprimido proibido
- | A araucária
- | Pão da padaria com manteiga da loja
- | Uma «maliça»
- | O ceguinho
- | O rádio
- | O candeeiro a petróleo
- | Os rebuçados da avó
- | Noivo só na Maia
- | O ferro de correr
- | João António
- | Avós e netos
- | Laurindo e o queijo de cabra
- | A Rosângela sou eu
- | Qual é o preço dos camelos?
- | Os momentos felizes de Guilherme com o pai
- | Um escudo ao domingo
- | As palavras nunca ditas por João
- | As serenatas
- | O golinho de leite
- | Os pecados de Mariano
- | A Maia
- | Posfácio



A Fonte Velha

Hoje já quase não tem préstimo. E está a vir ao de cima o inevitável destino dos lugares, e mesmo das pessoas, que parecem estar sujeitos a essa fatalidade que é a de serem amados apenas enquanto são úteis. Mas depois não.

Talvez os que por ela hoje passam nem saibam o que significou para toda aquela gente que nela se detinha. Com reverência, mas sobretudo por necessidade. E era tanta a gente na Maia nessa altura — mais de três mil pessoas!

E quase todas elas paravam ao passar. «Não há água como esta», diziam, depois de beberem um gole do jorro que dela ainda hoje brota, ininterruptamente, desde há muito, muito tempo.

A Fonte Velha fica ali mesmo à entrada da Maia, do lado de quem vem da Lombinha, em cima de uma curva à direita muito apertada e da ribeira que vai desaguar, quando a água que transporta o merece, ali mesmo no Porto Novo, no Calhau da Areia.

Ao contrário do que é hoje, uma mera curva que é preciso enfrentar e passar com cuidado e rapidamente, foi um lugar de demorado destino.

Muita e muita gente ali permaneceu horas e horas incontáveis das suas vidas.

Não apenas para beber ali mesmo aquela fresca água, ou para encher barris, talhões, potes, baldes, alguidares, selhas, garrações e outros recipientes destinados a abastecer as casas desprovidas de água canalizada, alimentar animais e regar plantas e tudo o mais que necessário fosse.

Durante muito tempo, a Fonte Velha serviu também para muitas mulheres e raparigas lavarem a roupa de toda a família nos tanques lá existentes. E ali passaram horas e horas a fio, molhando a roupa, ensaboando-a com sabão azul e branco ou apenas branco, conforme os casos, esfregando-a, voltando a ensaboá-la, passando-a por aquela límpida água e, finalmente, pondo-a a secar, normalmente já fora dali.

Era um ritual que se repetia dia-a-dia, mas que se conciliava com conversas cruzadas entre as mulheres ali presentes, desfiando os assuntos pendentes, um a um, mais públicos ou mais privados, mais leves ou mais custosos, mais alegres ou mais tristes.

E o destino da humanidade depende, em larga medida, como todos sabemos, dessas aparentemente ocasionais conversas das mulheres. Não se iludam: delas depende, seguramente, o equilíbrio de tudo o que de fundamental diz respeito a todos nós.

A vida era intensamente vivida ali, nesse preciso lugar que agora é ignorado por quase todos aqueles que por ele passam. É assim a memória das gentes — ingrata.

Nesse tempo, todos aqueles que densamente povoavam a Maia sabiam para que servia a Fonte Velha. Mas ia ainda mais longe o seu préstimo, além de fornecer a água e de tanque comunitário para lavar a roupa.

Tal como o Canto de Santo António, a Trincheira, o Canto do Hospital e a Rocha, tinha outra função. Era um lugar de encontro e de lazer. Passaram nesses lugares horas sem fim à conversa, como só nesse tempo se conversava, amigos de sempre. Sentavam-se, deixando passar o tempo, quando o tempo andava tão devagar que até parecia não andar nunca e se sabia que a pressa nem sempre faz chegar mais cedo o caminhante ao seu destino.

Aqueles amigos, quase todas as noites, nesse tempo em que a luz eléctrica ainda vinha longe, passavam parte do serão sentados na placa de cimento por cima dos tanques, hoje substituída por telhas, ou no pequeno muro quase ao nível do chão do caminho da Lombinha. E ali falavam do que havia para falar e do que nunca deixam de falar entre si os amigos de sempre.

Numa dessas noites desse remoto passado, João, um desses amigos que entretanto dispersou, tal como vários outros, para longínquos destinos, aproveitando um longo momento de silêncio, não de desconforto, mas antes de aconchego, com a Lua a bater nos rostos felizes daqueles seis amigos ali presentes, fazendo da noite quase dia, disse:

– A gente vá consegui vivê noutre lugá, longe daqui?

– Noutre lugá? Quié que qués dezê coisso? – perguntou José, passados alguns instantes.

– Assam cmaieste. Ondaté parece qué música esta água a corrê, cmnãohá no munde outrigual. Aqui quase setoca na Lua. É cmséla tivesse aqui mêmê no meie dagente – concluiu João.

Ao que António, um dos outros amigos ali sentados na placa de cimento que cobria os tanques de lavar a roupa, com um leve e vago sorriso, mas que indicava ser premonitório dos caminhos do futuro, acrescentou:

– Nã sejam tole. A gente vá vivê onde calhá. E o más certe é a gente até sesquecê da Fonte Velha.



 Gosto

 Comentar



Engrácia Botelho: Estou longe, mas quando vou aí vou sempre à Fonte Velha. Não me esqueci de que, quando eu ia ao monte Sapata, já levava ao ombro um garrafão de cinco litros cheio de água desta fonte. Esquece quem quer.



Madalena Mota: Água é a fonte da vida. Nunca nos esquecemos de quem nos deu a vida. Neste caso a Fonte Velha.



Almesinda Braga Barbosa: Nunca esqueci do lugar especial. Adoro ainda quando chego aí à Maia e é um dos sítios que logo visito, amigo.



João Arruda: Fizeram-se muitos planos para o futuro nesta placa de cimento. Fizeram-se muitos planos de acção para actividades meio clandestinas. Até algumas sonecas para quebrar o cansaço de tanto planear. A placa de cimento era o quartel-general de planeamentos para a rapaziada do meu tempo.



João Vieira: Este lindo lugarzinho, e deixando a dica do nosso estimado amigo Roberto, era onde eu mais um grupo de amigos, principalmente no Verão, passávamos tempo, em cima da «bendita» placa de cimento, a segredar conversas das nossas noivas entre «roubos» de fruta, que Deus nos perdoe, acompanhados de uma caixinha de cerveja «choca» com chouriço no álcool roubado às mães. Salgado como pilha!! Bons tempos de recordações inesquecíveis. Obrigado, caro amigo Roberto, por estas tuas lembranças de escrita que nos fazem voltar ao passado.